

Brega é quem diz

Capítulo	8 — O negócio é a diversidade: os anos 70 e a consolidação da indústria fonográfica no Brasil
Ano sugerido	9º ano
Disciplina	História
Tempo sugerido	2 aulas de 50 minutos

Professor(a): _____ Turma: _____ Data: ____ / ____ / ____

TEMA GERAL

A canção romântica popular dos anos 1970, seu público e o apelido que ela recebeu de quem não a ouvia.

Problema norteador: *Quem decidiu que essa música é ruim?*

HABILIDADES

- **EF09HI08** Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.
- **EF09HI20** Discutir os processos de resistência e as propostas de reorganização da sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar.

No ENEM: Matriz de Referência do ENEM. Ciências Humanas e suas Tecnologias: H4 — Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura; H5 — Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

OBJETIVOS

- Identificar e comparar a canção e os demais documentos da aula como fontes históricas, para responder à pergunta norteadora: Quem decidiu que essa música é ruim?
- Compreender rádio AM e rádio FM: dois públicos, dois mercados.
- Compreender gosto, classe e a formação do cânone.
- Compreender a canção romântica e o público que se reconhecia nela.
- Reconhecer o percurso da aula no produto final: uma resenha elogiosa de Porque brigamos, escrita como se fosse para uma revista de música da época, seguida de um parágrafo em que o aluno explica o que precisou mudar na própria cabeça para escrevê-la.

A palavra brega é um julgamento de classe disfarçado de julgamento estético, e o aluno usa palavras assim todo dia sem perceber.

O caso é perfeito porque os números desmentem o apelido: essas gravações vendiam muito e dominavam o rádio AM, que era o rádio dos pobres.

E os intérpretes vinham de origem social distante da classe média intelectualizada que protagonizou os movimentos prestigiados — o que explica o desprezo melhor do que qualquer critério musical.



CONTEÚDOS ENVOLVIDOS

- Rádio AM e rádio FM: dois públicos, dois mercados.
- Gosto, classe e a formação do cânone.
- A canção romântica e o público que se reconhecia nela.
- Origem social dos intérpretes e acesso à formação musical.
- Vendagem e prestígio, retomando o que se viu com as duplas caipiras.

DESENVOLVIMENTO

1. Escuta inteira, sem contexto (10 min · escuta)

A turma descreve o que a gravação faz: os instrumentos que entram no refrão, a voz que sobe, o que isso provoca em quem ouve.

2. Uma palavra na lousa (20 min · produção escrita)

Cada aluno escreve uma palavra para classificar aquilo, e todas vão para a lousa.

3. A canção de prestígio (10 min · escuta)

Escuta de uma canção prestigiada do mesmo ano, e o mesmo exercício.

4. Os números (10 min · exposição)

Quanto cada uma vendeu e onde cada uma tocava.

5. De onde vieram as palavras (20 min · debate)

Volta-se à lousa da segunda etapa e discute-se a origem de cada julgamento.

6. Quem cantava (15 min · pesquisa)

Origem, cidade e escolaridade dos intérpretes de cada lado.

7. A resenha elogiosa (20 min · produção escrita)

Escrita como se fosse para uma revista da época, com o parágrafo de balanço.

MATERIAIS

Porque brigamos Diana · 1972 · 1972

Os teclados que dominam o refrão e a voz que sobe até o ápice — o que só a escuta mostra.

Acabou Chorare Novos Baianos · Acabou Chorare · 1972 · 1972

O outro lado da comparação, para que o julgamento apareça.

- link: Dados de vendagem e de audiência de rádio AM nos anos 1970
- link: Capas de disco e material de divulgação da época

BIBLIOGRAFIA

BRUZADELLI, Victor Creti; SOUSA, Rainer Gonçalves. História da Música Popular Brasileira para Vestibulares e ENEM. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2026.

AVALIAÇÃO E PRODUÇÃO DOS ALUNOS



Uma resenha elogiosa de Porque brigamos, escrita como se fosse para uma revista de música da época, seguida de um parágrafo em que o aluno explica o que precisou mudar na própria cabeça para escrevê-la.

- Uso da canção como fonte, e não como ilustração: a afirmação histórica se apoia no que se ouve.
- Correção e datação do contexto histórico mobilizado.
- Domínio do ponto de vista escolhido e coerência da voz do texto do início ao fim.
- Justificativa histórica das escolhas de letra, ritmo e instrumentação na versão criada.

